

## **BLOCO DA SAUDADE: IRREVERÊNCIA E OUTRAS ARTES NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES <sup>1</sup>**

**Carla Maria Dantas Oliveira<sup>2</sup>**

A cidade é um espaço intrincado em que homens, mulheres, crianças, velhos e velhas estabelecem, projetam e constróem seus vínculos de sociabilidade. É o ambiente onde o cotidiano é realizado, as relações são costuradas e vividas, as individualidades transformadas e embaralhadas ao grupo social. Local de mobilidade social, esta é marcada de continuidades e descontinuidades, conflitos, confidências, histórias de vida. Mas, as idéias de progresso e modernidade têm levado a uma sistemática destruição das marcas do passado, de todos os símbolos, códigos e representações sociais.

Não podemos ignorar nossas lembranças, nem o espaço em que a vivemos. A cidade é palco de memórias diferentes, que se cruzam e se recriam, palco de romances na praça da igreja, de rodas de crianças, de representações, de memórias fragmentadas, vividas de canções sussurradas, de vozes oprimidas, de gemidos de dor e alegria, de identidades que constituem a vida social. “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história”<sup>3</sup>.

A partir do século XIX, começamos a viver um período de intensas transformações e mudanças, marcado pela explosão científico-tecnológica, pela implantação de um estilo burguês de vida, pelo crescimento das camadas populares urbanas, pela internacionalização do capitalismo, o que vem a caracterizar o surgimento das sociedades modernas.

Hoje, deparamo-nos com uma crescente mercantilização das formas culturais. Os bens culturais são planejados e produzidos de acordo com os objetivos da acumulação capitalista e da busca de lucro. Eles não surgem espontaneamente das próprias massas, são planejados para o consumo delas. Relegando a produção cultural ao estatus de mercadoria, perdendo o potencial crítico inerente à própria gratuidade das formas artísticas tradicionais. “Os bens produzidos pela indústria cultural não são determinados por suas características intrínsecas como uma forma artística, mas pela lógica corporativa da produção de mercadorias e pela troca”<sup>4</sup>.

Este processo inclui sistematicamente, a exclusão das formas “tradicionais” de manifestação popular, tradição essa que se torna uma restrição intolerável ao aumento da produtividade,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Pós-Graduação em Sociologia – UFCG

<sup>3</sup> BOSI. Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. Ano 1994, p. 145.

<sup>4</sup> THOMPSON, John B. Ideologia e Cultura Moderna. Ano 1995, p. 132.

que se estabelece fora dessa mercantilização cultural, produzida a partir do processo de industrialização. Já que não estabelecem suas produções voltadas ao mercado, e sim ao conhecimento, a crença, a arte, a moral, ao costume e a várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. “Em nome da ciência, da razão ou da técnica, acaba-se por retirar da maioria a possibilidade de um saber fazer: destroem-se as experiências, eliminam-se propostas e projetos em construção. As tradições populares são subjugadas e outras tantas inventadas”<sup>5</sup>.

Fundamentado pela idéia de cidadania cultural, que aborda a cultura como um direito, um direito que se define pela capacidade do cidadão de informar-se, formar-se, construir julgamentos, escolher e deliberar, ou seja, participar, pública e coletivamente, dos assuntos da cidade, dessa forma, o cidadão deixa de ser encarado como sujeito passivo para ser um condutor, um tradutor de novas formas de cultura e um propositor de novos direitos. A cultura é fabricada a partir de diversas conjunturas sociais, não pertence a uma classe em si, seja ela configurada como dominante ou dominada.

As manifestações culturais de um povo são frutos das interpretações sociais, do imaginário, das fantasias, dos mitos, das lendas, das fugas. E vivê-las é sonhar; faz parte do seu cotidiano, da sua função social enquanto produtor de conhecimento, enquanto ser pertencente ao mundo social. “... todo homem tem uma raiz pela sua participação numa coletividade que conserva vivos alguns tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”<sup>6</sup>.

Em meados das décadas de 20 e 30 do século XIX, temos uma forte discussão social sobre a representação da identidade nacional. Precisava-se estabelecer um símbolo cultural que integrasse as várias regiões nacionais tão díspares economicamente e que alargavam as suas disfunções sociais.

Festa de cunho popular, palco de intensas manifestações de alegria, euforia, de bagunças improvisadas das troças, palco de ironias e desventuras, como também, local de transgressão social, onde as máscaras, fantasias formavam um verdadeiro escudo às identidades individuais, o espaço do carnaval vem a construir outras identidades para os sujeitos que o formam, identidades em que a possibilidade de fuga dos padrões prescritos pela sociedade da época tornavam a festa “Carnaval” símbolo de liberdade às ocultas fantasias da mente.

Espaço de alegria e imaginação, o Carnaval se torna palco de manifestações populares, e um autêntico símbolo nacional, onde as características da festa exaltavam a criatividade cultural popular e suas várias formas de representação. Festa onde o interesse maior não estaria concentrado em um retorno econômico ou político e sim nas diversas possibilidades

---

<sup>5</sup> SILVA, Olga Brites. Memória, Preservação e Tradições populares. In: O Direito à Memória, pág.17.

<sup>6</sup> BOSI, Ecléa. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo, Cultura brasileira: temas e situações. 1992.p. 17.

de trasbordamentos de manifestações culturais. O povo junto com a festa carnavalesca era o verdadeiro autor e compositor dessa manifestação. "(...) é uma festa especial e também uma trapalhada, uma confusão, uma bagunça. Um momento em que as regras, rotinas e procedimentos são modificados, reinando a livre expressão dos sentimentos e das emoções"<sup>7</sup>.

Como forma de valorização à espontaneidade da cultura popular e como forma de resistência à indústria cultural existente nas sociedades contemporâneas, surgiu em 1991 o Bloco da Saudade na cidade de Campina Grande-PB, formado por artistas, intelectuais e amantes da irreverência carnavalesca, onde as máscaras ocultavam as mais diversas fantasias da mente e desejos do corpo; o Bloco da Saudade se tornou mais que uma festa popular, tornou-se um projeto de cultura carnavalesca que contribui para o enriquecimento pedagógico-cultural de crianças e adolescentes, que aprendem através de oficinas de literatura, artes cênicas e visuais a confeccionar suas próprias fantasias de acordo com seu imaginário.

No carnaval, no seu espaço típico, o instante supera o tempo e o evento passa a ser maior do que o sistema que o classifica e lhe empresta um sentido normativo. Não é por outra coisa que a palavra mais ouvida nesse momento é *loucura* (...) porque nosso mundo social, tão preocupado com as hierarquias e as lógicas do você deve saber o seu lugar e do sabe com quem esta falando?, esta oferecendo mais aberturas do que aqueles em que podemos realmente entrar.<sup>8</sup>

Trabalhando com temas sempre voltados à valorização da identidade cultural, o Bloco da Saudade se caracteriza como manifestação popular voltada ao conhecimento do carnaval no seu contexto artístico, antropológico e sócio-político. Manifestação popular não saudosista, mas que caracteriza um conflito emblemático entre os antigos bailes de carnaval, com o tom mercadista que deu origem aos carnavais fora de época como a Micarande.

A Micarande, evento existente na cidade de Campina Grande-PB, surge em 1991 e vem a caracterizar o desenvolvimento econômico e cultural da cidade; e a partir desse momento, está inserida no roteiro do axé-music, símbolo de modernização cultural das sociedades de consumo. Com uma proposta diferente do Bloco da Saudade, os organizadores da Micarande organizam o evento nos moldes do carnaval da Bahia, com a imposição de ritmos, danças e figurinos inerentes a cultura local, produto de uma sociedade atraída pelo lucro, onde a fantasia, a festa, é tida como mais uma mercadoria, como uma forma de mercantilização do lazer e da descaracterização da cultura local em detrimento da cultura global, destacando-se que os dois eventos (O Bloco da Saudade e a Micarande) se manifestam na mesma data.

<sup>7</sup> DAMMATA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Ano 1997, p. 157.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 118.

Tornar-se uma sociedade “desenvolvida” nos padrões estabelecidos pela sociedade contemporânea, incorporada por um estilo burguês de vida, é fabricar uma cultura política de valorização aos grandes homens, aos grandes eventos, aos permanentes projetos de modernização capitalista, o que acaba por se configurar numa cultura política de exclusão que ignora, inferioriza, marginaliza e que, corrosivamente, age sobre qualquer tipo de manifestação cultural que vá de encontro à cultura tida como oficial, produtora e mercadista. “(...) Os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos, que o capitalismo encontra, são consumidos até o osso e transformados em mercadoria para turismo, propaganda para TV... São rebaixados a objetos de curiosidade do espectador urbano”.<sup>9</sup>

A identidade de um grupo se caracteriza por suas manifestações culturais e cada membro tem o comportamento delineado pela posição que ocupa dentro da sociedade. E o que percebemos é que, nos dias atuais, existe uma intensa luta política entre aqueles ditos pertencentes e constituidores de uma cultura tida como oficial e os grupos que são marginalizados, mas que buscam, através de suas manifestações culturais, símbolos de identificação com o ponto de vista que lhes favorece. Mas que pode se tornar um processo perigoso, já que a cultura, antes de tudo, é uma obra coletiva; sua força reside no seu caráter de identificação social.

“enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento (...) é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença”<sup>10</sup>.

O domínio de um grupo sobre a coletividade, através do controle e autonomia dos meios de produção, torna a cidade palco de intensas transformações e inovações, não levando em consideração os aspectos da vida social que sustentam o processo de enraizamento do grupo. E as tradicionais práticas de manifestação popular se tornam cada vez mais desassociadas e relegadas ao universo da mercadoria.

A cultura é pensada a partir de um processo de identificação de dado grupo social às condições gerais proporcionadas pelo meio no qual se insere. A fragmentação dessa cultura tem sido processada nas sociedades contemporâneas a partir de um projeto de modernização, que vê nas manifestações culturais tradicionais uma restrição ao aumento da produtividade.

Ao mesmo tempo, tem-se uma clara resistência a esse processo de manipulação e dilaceramento das culturas populares, por parte dos grupos tidos como subalternos, como uma forma de defender suas identidades, fabricadas a partir de suas características culturais e que, muito embora classificadas como inoperantes dentro dessa cadeia de

<sup>9</sup>, Ecléa. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo, Cultura brasileira: temas e situações. 1992. p. 22.

<sup>10</sup> PESAVENTO, Sandra Jatthy. História e História Cultural. 2005, pág. 89

manipulação capitalista, torna-se, cada vez mais, símbolo de resistência e se constituem como um novo campo de atuação social.

Nesta perspectiva, temos a intenção de analisar o Bloco da Saudade como manifestação cultural de incentivo a produção de uma identidade local e como manifestação de resistência à descaracterização da cultura local através das manifestações culturais produzidas a partir da indústria cultural.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças Paulistanas. 3. Ed. – São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. Cultura e Desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. Cultura brasileira: temas e situações. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias. Petrópoles, Vozes, 1986.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Cultura e Cidades. São Paulo. ANPUH. Editora Marco Zero, 1985.

DAMMATA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Roco, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro-RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4 ed., Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996.

MELLO, Luís Gonzaga de. Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas. Petrópoles, Vozes, 1987.

CONGRESSO INTERNACIONAL “PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CIDADANIA”, 1991, São Paulo. O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo:DPH,1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

PLEKHANOV. O Papel do Indivíduo na História. São Paulo. Editora Expressão Popular LTDA, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5 n. 10. 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento e Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2 n. 03. 1989.

SANTOS, Myrian Sepúlvera dos. Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: alguns problemas teóricos. Ver. Bras. Ci. Soc. Vol. 13 n. 38. São Paulo Oct. 1998.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópoles, Vozes, 1995.